

MÃES PRIMÍPARAS: VIVÊNCIA DO PROCESSO DE INSERÇÃO DO FILHO NA CRECHE

Simone Balbinot*
Scheila Beatriz Sehnem**

Resumo

O nascimento de um filho sempre causa transformações dentro do contexto familiar, principalmente quando, após os primeiros meses, a mulher retorna ao mercado de trabalho, o que acaba exigindo novas opções de cuidados para o bebê e crianças pequenas. Entre essas opções a mais frequente é a creche, instituição que vem auxiliar essas mães durante o período em que estão trabalhando. O objetivo desta pesquisa foi identificar o perfil sociodemográfico dessas mães, os sentimentos que surgem durante o processo de separação mãe-bebê e quais as suas crenças a respeito dessa rede de apoio. Participaram deste trabalho de investigação, em forma de entrevista semiestruturada, oito mães primigestas, cujos bebês ingressaram na creche durante o primeiro ano de vida. A partir da análise dos dados foi possível perceber a dificuldade e a insegurança das mães no momento da separação quando da inserção do filho na creche, mas, principalmente, a preocupação e a expectativa destas no que se refere aos cuidados que a instituição disponibilizará aos seus filhos. Ao mesmo tempo, pode-se perceber que esse comportamento se manifestou somente na fase inicial de adaptação do menor, que a acessibilidade delas à instituição e aos profissionais que ali trabalham transmitiu segurança e confiança a essas mães.

Palavras-chave: Mães. Creche. Sentimentos. Crenças.

1 INTRODUÇÃO

O crescimento e a consolidação da mulher no mercado de trabalho ocasionaram grandes mudanças dentro do âmbito familiar, tornando explícita a necessidade de novas opções para o cuidado alternativo de bebês e crianças pequenas (BELTRAME; DONELLI, 2012). Segundo os Dados do Cadastro-Geral de Empregados e Desempregados (Caged) e da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS) do Ministério do Trabalho e Emprego (BRASIL, 2013), a participação da mulher no mercado de trabalho tem sido crescente nos últimos anos. Os registros da RAIS revelam que o nível de emprego com carteira assinada para as mulheres cresceu 5,93%, em relação ao ano anterior (BRASIL, 2013). Entre 1976 e 2007 houve um acréscimo de 32 milhões de trabalhadoras, ou seja, se em 1976, 29% das mulheres trabalhavam, em 2007, esse número aumentou para 53% (FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS, 2007).

Paralelo a essa inserção da mulher no mercado de trabalho, as mulheres continuam com os papéis anteriores, donas de casa, maternagem e esposas. Segundo dados do IBGE (2012), a taxa de fecundidade no Brasil apresentou queda de 20,1% na última década, passando de 2,38 filhos por mulher, em 2000, para 1,90 em 2010, mas, ainda, segundo estimativa do IBGE, para 2014, nascerão até o último dia desse ano 2.933.186 brasileiros, significando que um número considerável de crianças continua nascendo por ano e essas famílias, inseridas em um mundo capitalista e globalizado, continuam exigindo dessas mulheres novos papéis em se tratando de filhos.

Assim, percebe-se que a creche tem se tornado a alternativa viável no que se refere aos cuidados alternativos com seus filhos, e que partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) (BRASIL, 1996 apud RAPOPORT; PICCININI, 2001), a creche passou a ser incluída como parte da educação infantil responsável pelas crianças até os três anos de idade e as pré-escolas para crianças de quatro a seis anos.

Desse modo, considerando-se o contexto social atual em que a maternidade se insere, e o reduzido número de estudos que enfocam a experiência da maternidade com o retorno ao trabalho e a necessidade de deixar o filho aos cui-

* Acadêmica de Psicologia da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Unoesc Joaçaba; simone.balbinot@bol.com.br

** Professora e Orientadora da Universidade do Oeste de Santa Catarina, Unoesc Joaçaba; scheila.sehnem@unoesc.edu.br

dados da creche (RAPOPORT; PECCININI, 2001; RAPOPORT, 2003; PAES RIBAS; MOURA, 2004; BELTRAME; DONELLI, 2012; LEAL, 2013), pretende-se com a presente pesquisa verificar a percepção de mães primíparas acerca da inserção de seus filhos na creche e quais sentimentos surgem durante esse processo.

2 METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualiquantitativa que se desenvolveu nas creches de um município do Meio-oeste catarinense, totalizando duas instituições. Os sujeitos que fizeram parte deste trabalho de investigação foram todas as mães primíparas (8) que matricularam seus filhos nas respectivas creches do município no mês de fevereiro de 2014.

O instrumento utilizado para a realização da pesquisa foi uma entrevista semiestruturada, contendo questões abertas e fechadas, totalizando dezoito questões. Inicialmente, foi feita uma visita às creches e, em um primeiro contato com a direção, foram explicados os objetivos da pesquisa e como ela seria realizada, buscando, assim, o consentimento da direção e a obtenção das informações necessárias. Posteriormente, fez-se o contato com essas mães para convidá-las a participar da pesquisa.

Após a assinatura do termo de consentimento livre e esclarecido por todas as participantes, a entrevista foi realizada nas dependências das creches com todas as mães participantes, sendo agendado previamente um horário para que o encontro acontecesse, no qual foram recolhidas as informações pretendidas e, posteriormente, foi feita a análise dos dados obtidos.

3 ANÁLISE DOS DADOS

Segundo Debray (1988 apud LEAL, 2013, p. 9), “O tornar-se mãe é um momento necessariamente contraditório e profundamente ambivalente, pois vem acompanhado de complexidade, idealizações e perdas.” Contudo, esse conceito é variável ou influenciado por questões sociodemográficas, como idade, escolaridade, expectativas, planejamento, etc. Nas sociedades ocidentais a opção das mulheres por não ter filhos é um fenômeno crescente e essa escolha está diretamente relacionada com o contexto histórico, econômico, social e cultural em que a mulher está inserida (PATIAS; BUAES, 2012).

Em relação aos aspectos sociodemográficos das mães que participaram deste trabalho de investigação, observou-se que:

Quadro 1 – Aspectos sociodemográficos

Sujeitos	Idade	Escolaridade	Estado civil	Gravidez planejada	Parto	Carga horária diária	Profissão
S1	16	Ensino médio incompleto	solteira	Não	Cesariana	6 a 8	Manicure
S2	22	Superior incompleto	casada	Sim	Natural	6	Estagiária
S3	28	Ensino médio	união estável	Não	Cesariana	8	Secretária e auxiliar de dentista
S4	29	Ensino médio	casada	Não	Cesariana	4	Diarista
S5	29	Ensino médio	união estável	Sim	Cesariana	8	Secretária
S6	31	Superior	casada	Sim	Cesariana	8	Analista de cobrança
S7	33	Ensino médio	casada	Sim	Cesariana	6	Cabeleireira
S8	35	Ensino médio	união estável	Não	Cesariana	8	Vendedora

Fonte: os autores.

De maneira geral, em relação à idade média em que os sujeitos da pesquisa tiveram a primeira gestação, corresponde a 27,8 anos, demonstrando que os dados condizem com o Levantamento de Estatísticas do Registro Civil, divulgado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no qual, segundo a pesquisa, as brasileiras estão se tornando mães mais tarde. O comportamento estaria ligado à inserção da mulher no mercado de trabalho e ao maior acesso ao estudo nos últimos anos. Os dados mostram um número crescente de nascimentos para mães de 25 a 29 anos. Segundo Parada e Tonete (2009, p. 386), esse fenômeno demográfico tem sido atribuído, basicamente, ao aumento do número de mulheres que se vinculam ao mercado de trabalho, indicando que a atividade produtiva fora de casa se tornou tão importante para elas quanto a gravidez e o cuidado com os filhos.

Diante dos resultados da análise do perfil sociodemográfico, conclui-se, quanto à escolaridade, que 62,5% dos sujeitos possuem ensino médio completo; 87,5% dos sujeitos são casados ou vivem em união estável; 50% dos sujeitos afirmam ter planejado a gravidez e 87,5% dos partos foram cesarianas.

3.1 SENTIMENTOS VIVENCIADOS PELAS MÃES A PARTIR DO PROCESSO DE SEPARAÇÃO MÃE-FILHO EM RAZÃO DO INGRESSO DO MENOR NA CRECHE

Quando questionadas sobre os sentimentos vivenciados durante o processo de adaptação da criança na creche, todas evidenciaram nas suas respostas o sentimento de tristeza. Podemos observar esse sentimento na fala de S2: “Nossa eu me senti como a [...] como se eu não fosse mais ver ele, ai tá tirando uma parte de mim, assim, eu até chorei assim na hora, ele bem tranquilo, né, e eu assim [...] nossa, pra mim foi [...] nossa, a gota, vontade de chorar, tristeza [...]” (informação verbal). Para Del Porto (1999): “A tristeza constitui-se na resposta humana universal às situações de perda, derrota, desapontamento e outras adversidades.” É um sentimento que responde a estímulos internos, como recordações, memórias, vivências; ou externos, como a perda de um emprego ou de um amor, uma resposta natural a situações de perda ou de frustrações, em que são liberados hormônios cerebrais, chamados neurormônios, responsáveis pela angústia, melancolia ou coração apertado (SGARIONI, 2006). Observa-se essa resposta nas falas do S3 e S5: “Coração apertado [...] coração apertado, ter que deixar ele lá e ir embora.” “[...] é uma angústia [...] coitadinho, deixar ele lá, ai, não conhece ninguém, né?” (informação verbal).

Outro sentimento presente nas falas dos sujeitos é a culpa, o que pode ocorrer diante da ideia predominante de que é mais saudável para a criança durante os três primeiros anos que a mãe cuide de seu filho e que a creche é um equipamento precário de cuidados de crianças, que remete à pobreza, o que acaba despertando nas mães intenso sentimento de culpa (ROSSETTI; FERREIRA, 1999 apud WEBER et al., 2006). Sentimento que pode ser observado na fala de S2: “Então, no momento eu não queria colocar ele na creche, na verdade foi uma necessidade, justamente por esse fato, a mãe cuida melhor [...]” (informação verbal).

O medo foi outro sentimento vivenciado pelas mães durante o processo de inserção da criança à creche (medo da adaptação, dos cuidados físicos, da separação e da segurança). Segundo Baptista, Carvalho e Lory (2005): “Os medos aparecem quando são úteis, como na ansiedade de separação, o medo de altura ou a ansiedade social, mas tendem a desaparecer assim que esses fatos são dominados e deixam de oferecer perigo.” As mães participantes da pesquisa afirmam que possuem receio quanto aos cuidados físicos que são dedicados aos seus filhos, e, como explica Maranhão (2000): “O cuidado tem muitos sentidos e dependendo do sentido que se dá ao ato de cuidar e a sua finalidade, podemos ressaltar alguns aspectos do desenvolvimento humano em detrimento de outros.” Para Campos (1994, p. 35 apud MARANHÃO, 2000): “O cuidar inclui todas as atividades ligadas ao cotidiano de qualquer criança, alimentar, lavar, trocar, curar, proteger, consolar, todas as atividades que são integrantes ao educar.” A fala do S4 deixa claro esse receio: “Ah, que vai ser mal cuidado, que vai chorar, que não vão entender o que ele quer, porque querendo ou não eles falam, só eles não entendem né, medo que ele fique mal, que briguem, que seja mal cuidado [...]” (informação verbal).

Outro medo relatado pelas mães da pesquisa é quanto ao processo de separação, que, como explica Hock, McBride e Gnezda (1989 apud BELLINI, 2008, p. 17), “A ansiedade de separação materna se refere a um estado emocional de desprazer ligado à experiência de separação, o qual é evidenciado pela manifestação de preocupação, tristeza e culpa.” Ainda, segundo Winnicott (1963, 1990 apud BELLINI, 2008, p. 14): “No período que dura dos seis meses até os dois anos de vida, no qual a dependência que o bebê tem da mãe é relativa e ele começa a se tornar consciente dessa dependência, a mãe reluta em deixar seu filho e teme causar-lhe raiva e aflição.” Na fala do S6, pode-se observar com

clareza esse sentimento “De eu não conseguir ficar longe dele, porque, assim, eu parei de trabalhar com seis meses de gestação por causa da trombose né, então o convívio é maior, depois não voltei trabalhar, eu tinha assim um elo muito forte [...]” (informação verbal).

Nesse processo de inserção à creche, a adaptação é outro receio identificado nas falas dos sujeitos, como podemos observar no depoimento do S3: “O principal medo foi ele não se adaptar à creche [...]” (informação verbal). A qualidade do atendimento é importante fator mediador da adaptação. Dessa forma, de acordo com Rapoport e Piccinini (2001, p. 93): A adaptação à creche é um processo gradual em que cada criança precisa de um período de tempo diferente para se adaptar, sendo importante respeitar o ritmo da própria criança e não impor um período pré-determinado para a adaptação.

A segurança de seus filhos durante o tempo em que permanecem na instituição é outro medo identificado entre os sujeitos da pesquisa, como se pode observar no relato do S1: “Que alguém venha buscar ela que não seja eu, que leve ela embora [...]” (informação verbal). Para Brazelton (1994 apud RAPOPORT; PICCININI, 2001, p. 87), “É comum os pais se sentirem inseguros e desconfiados, principalmente quando se trata do primeiro filho e se for ainda bebê.” Portanto, a adaptação gradativa da criança à creche e também a abertura à participação da família na instituição, são algumas práticas que permitirão que o familiar adquira confiança e esteja seguro quanto aos cuidados dispensados aos seus filhos (RAPOPORT; PICCININI, 2001, p. 93).

3.3 CRENÇAS EM RELAÇÃO À CRECHE

Ao serem questionadas acerca da instituição, observou-se que a maioria das participantes da pesquisa vê a creche como uma extensão de casa, em todos os aspectos de desenvolvimento de seus filhos. O S3 deixa claro sua percepção acerca da creche em sua fala: “[...] é um lugar que ele vai ficar bem, bem cuidado, um lugar tranquilo, onde ele aprende, convive, brinca, a alimentação é toda ela balanceada [...]” (informação verbal). Compreende-se, dessa forma, que a escola tem sido a escolha de diversas famílias por inúmeros motivos, como a necessidade de encontrar alternativas para o cuidado de crianças em que as mulheres trabalham fora, até a busca por um espaço estimulante e de socialização para a criança (BELLINI, 2008, p. 18).

A creche é vista pelos sujeitos como uma alternativa para que possam trabalhar. A necessidade de colaborar com o orçamento doméstico foi um dos fatores que fez com que os sujeitos da pesquisa buscassem essa rede de apoio, o que se confirma no depoimento do S3: “Pra mim, como mãe, é muito importante, porque não tenho com quem deixar ele, então, preciso da creche pra trabalhar [...]” (informação verbal). A justificativa da questão laboral é apontada por Rapoport (2003 apud LEAL, 2013, p. 25) como uma variedade de razões que levam as mães a deixarem seus filhos em creche, destacando-se a necessidade de a mãe trabalhar e a falta de pessoas disponíveis para cuidar do bebê, além dos benefícios que a creche pode trazer para o seu desenvolvimento.

Os cuidados físicos foram um dos aspectos de extrema importância para todas as mães, que esperam que a instituição dedique esses cuidados aos seus filhos, como se pode observar na fala do S8: “Acho que eles cuidam de nossos filhos como a gente cuida deles, né, e acho que desde a alimentação, a troca de fralda, a higiene [...]” (informação verbal). Dentro dessa perspectiva, de acordo com Maranhão e Silva (apud BÓGUS et al., 2007):

O cuidado e a educação de crianças menores de seis anos demandam comunicação diária entre o educador infantil e a família, de tal forma que seja possível identificar necessidades, saber como atendê-las, combinar determinados cuidados e também a forma de oferecê-los.

Considerando os cuidados específicos dessa fase da vida e a importante relação com os demais direitos da infância, o Ministério da Educação elaborou critérios de referência para uma creche que garanta os direitos integrais das crianças. Esses critérios lembram que as crianças têm direito à brincadeira, à atenção individual, a um ambiente acolhedor, seguro e estimulante, ao contato com a natureza, à higiene e à saúde, a uma alimentação sadia, entre outros. Também registram que as crianças têm direito à atenção especial nos períodos de adaptação à creche (BRASIL, 2009).

Outra expectativa observada nos depoimentos dos sujeitos e que atribuem à creche oferecer é quanto ao desenvolvimento físico e mental dos seus filhos, como pode ser observado na fala do S5:

Que ele evolua né, tipo porque digamos assim, ele começou agora né, aí, mas a gente já percebe que tem coisinhas que antes ele não fazia que agora ele já faz, então, ele tem um ano, ele fala um monte, porque a gente vai conversando então ele aprendeu falar, só que tipo caminhar e coisa ele já não [...] mas agora na creche ele já tá se soltando, mas não caminha ainda, ainda não, ele agora já tá começando a se soltar mais. (informação verbal).

Percebe-se uma tendência de se olhar para as crianças como um ser biopsicossocial. Nesse sentido, as instituições de ensino também devem estar focadas no desenvolvimento desses aspectos. Na fala do S2 percebe-se essa preocupação: “Que ensine ele a se desenvolver, a dividir, que cuide bem dele, pra não se machucar, que alimente ele direitinho, que cuide dele com amor [...]” (informação verbal). Como afirma Rizzo (1984, p. 24 apud LIMA; PEREIRA; DUCLOS, 2010), “Podemos encarar as creches como ‘ambientes especiais de criar crianças’ que visa não apenas os aspectos físicos, mas também emocionais, afetivos, cognitivos e sociais, no período em que a criança se encontra na instituição.”

A socialização também foi citada como um aspecto importante para o desenvolvimento das crianças, sendo um dos motivos pelos quais os filhos estavam sendo inseridos na creche, essa preocupação pode ser observada na fala do S8: “[...] mesmo se eu não trabalhasse, eu acho que meio período eu ia gostar que ele fosse pra creche, até pelo fato da socialização com outras pessoas, né.” (informação verbal). O fato de serem mães primíparas colaborou com o pensamento.

Compreende-se que a escola e a família, em conjunto, devem favorecer uma ação de liberdade para a criança, uma socialização que acontece gradativamente, mediante as relações que ela irá estabelecer com seus colegas, professores e a sociedade (LIMA; PEREIRA; DUCLOS, 2010). Ainda, Rapoport e Peccinini (2004 apud LEAL, 2013, p. 34) apontam que a creche pode ser vista pelas mães como um cuidado alternativo que supre as crenças sobre a importância social e educacional.

4 CONCLUSÃO

Este estudo possibilitou identificar que as expectativas das mães em relação à creche vão muito além do cuidar, pois se observou uma expectativa significativa quanto ao educar. Cabe ressaltar a importância da creche nesse processo, no qual a criança aprende a conviver com as diferenças, tanto em relação aos seus cuidadores quanto às outras crianças. Porém, a educação infantil é uma responsabilidade que não deve ser repassada somente à creche, uma vez que o educar é um processo que deve acontecer em parceria com a família, pois essa interação beneficia a ambos, diminui os conflitos entre a família e a creche, o que colabora para tornar um ambiente melhor para a criança.

Observou-se, conforme relato das mães, que, durante todo o processo da inserção dos bebês à creche, medos, inseguranças e preocupações ocorreram somente na fase inicial do processo, visto que a cidade onde se desenvolveu a pesquisa é pequena e todos se conhecem, há uma maior acessibilidade por parte das mães à creche e aos profissionais que ali trabalham e a instituição tem uma boa infraestrutura, o que logo ocasionou tranquilidade e confiança. Verificou-se que é imprescindível que a instituição esteja aberta à participação da família, para que ocorra essa interação e se obtenham esses resultados.

Outra situação observada é quanto à participação do pai no processo da inserção à creche. Somente uma participante da pesquisa o citou. Percebe-se como as mães ainda carregam para si toda a responsabilidade de encontrar alternativas de cuidados para seus filhos quando resolvem trabalhar fora de casa, o que mostra que as mulheres ainda consideram o cuidado com os filhos como sua “obrigação”. Contudo, para as participantes da pesquisa a maternidade não é mais sinônimo de impedimento para a realização profissional ou pessoal, a creche para elas é uma alternativa que surgiu para possibilitar a conciliação dessas duas funções: filhos e trabalho.

Primipara mothers: experiencing the process of the child's insertion on the nursery

Abstract

The birth of a child always causes changes inside the family context, specially when, after months, the woman returns to the job market, what ends up requiring new care options to the baby and to little children. Among these options, the most frequent one

is the nursery, an institution that comes to help these mothers during the period when they are working. The aim of this research was to identify the demographic profile of these mothers, the feelings that come during this mother/baby separation process and which their beliefs about this support network are. Eight primipara mothers, whose babies enrolled the nursery during the first year of life, participated of this investigation work, in a semi structured interview way. From the data analysis, it was possible to notice the mothers' difficulty and the insecurity in the moment of separation, when it happens the insertion of the child on the nursery, but, mainly, their worries and expectation referring to the care that the institution will provide to their children. At the same time, it can be noticed that this behavior was shown only in the initial phase of the under aged adaptation, that their accessibility to the institution and to the professionals who work there transmitted confidence to these mothers.

Keywords: Mothers. Nursery. Feelings. Beliefs.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, Dayse Patrícia Ruiz de; PRADO, Sônia Regina Leite de Almeida; OKASAKI, Egle de Lourdes Jardim. **Aspectos psicossociais da gravidez na adolescência**. 2001. Disponível em: <<http://www.unisa.br/graduacao/biologicas/enfer/revista/arquivos/2001-21.pdf>>. Acesso em: 18 maio 2014.
- BAPTISTA, Américo; CARVALHO, Marina; LORY, Fátima. **O medo, a ansiedade e as suas perturbações**. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.oces.mctes.pt/scielo.php?pid=S0874-20492005000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 09 ago. 2013.
- BELLINI, Lenora. **A vivência materna do processo de separação-individação mãe-bebê no primeiro ano de vida até a entrada na educação infantil**. 2008. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17487/000715919.pdf?...>>. Acesso em: 28 jan. 2014.
- BELTRAME, Greyce Rocha; DONELLI, Tagma Marina Schneider. **Maternidade e carreira: desafios frente à conciliação de papéis**. 2012. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n38-39/n38-39a17.pdf>>. Acesso em: 07 maio 2014.
- BÓGUS, Cláudia Maria et al. **Cuidados oferecidos pelas creches: percepções de mães e educadoras**. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=s1415-52732007000500006&script=sci_arttext>. Acesso em: 19 jun. 2014.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 6. ed. Brasília, DF: MEC; SEB, 2009. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>>. Acesso em: 23 fev. 2014.
- BRASIL. Ministério do Trabalho e Emprego. Assessoria de Comunicação Social. **RAIS e Caged indicam crescimento da participação da mulher no mercado de trabalho**. 2013. Disponível em: <<http://www.mtb.gov.br/imprensa/crece-a-participacao-da-mulher-no-mercado-de-trabalho/palavrachave/mercado-de-trabalho-rais-mulheres-crescimento-das-mulheres.htm>>. Acesso em: 23 fev. 2014.
- FUNDAÇÃO CARLOS CHAGAS. **Mulheres no Mercado de Trabalho: Grandes números**. 2007. Disponível em: <<http://www.fcc.org.br/bdmulheres/serie1.php?area=series>>. Acesso em: 23 fev. 2014.
- IBGE. **Censo 2010: escolaridade e rendimento aumentam e cai mortalidade infantil**. 2012. Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticiasenso?busca=1&id=3&idnoticia=2125&view=noticia>>. Acesso em: 07 fev. 2014.
- LEAL, Cláudia Luiz. **Maternidade distanciada: vivências de mães sobre o ajuste entre maternidade e profissão, da gestação ao retorno ao trabalho**. 2013. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70909/000877983.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 25 jan. 2014.
- LIMA, Natália Barbosa de; PEREIRA, Leonardo; DUCLOS, Leandro Jorge. **Desenvolvimento infantil: um estudo sobre práticas no universo da creche**. 2010. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd145/um-estudo-sobre-praticas-no-universo-da-creche.htm>>. Acesso em: 24 jun. 2014.
- MARANHÃO, Damaris Gomes. **O cuidado com o elo entre saúde e educação**. 2000. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300006&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 05 jun. 2014.

MILLENIUM, Comunicação. **O crescimento da população no país do futebol**. 2014. Disponível em: <<http://www.imil.org.br/blog/crescimento-da-populao-pas-futebol/>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

PARADA, Cristina Maria Garcia de Lima; TONETE, Vera Lúcia Pamplona. **Experiência da gravidez após os 35 anos de mulheres com baixa renda**. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a21.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2014.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. **“Tem que ser uma escolha da mulher”!** representações de maternidade em mulheres não mães por opção. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007>. Acesso em: 12 jun. 2014.

PORTO, José Alberto Del. **Conceito e diagnóstico**. 1999. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-44461999000500003&script=sci_arttext>. Acesso em: 30 jun. 2014.

RAPOPORT, Andrea; PICCININI, Cesar Augusto. **O ingresso e adaptação de bebês e crianças pequenas à creche: alguns aspectos críticos**. 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v14n1/5209.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2014.

REDAÇÃO. **Brasileiras estão tendo filhos mais tarde**: Homens e mulheres também estão adiando a data do casamento. 2013. Disponível em: <<http://www.revistabrasileiros.com.br/2013/12/20/brasileiras-estao-tendo-filhos-cada-vez-mais-tarde/#.U26LaPldVCg>>. Acesso em: 10 maio 2014.

RIBAS, Adriana F. Paes; MOURA, Maria Lucia Seidl de. **Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais**. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722004000300004&script=sci_arttext>. Acesso em: 18 jan. 2014.

SGARIONI, Mariana. **Tristeza faz bem**. 2006. Disponível em: <<http://super.abril.com.br/cotidiano/tristeza-faz-bem-446307.shtml>>. Acesso em: 26 jun. 2014.

WEBER, Lidia Natalia Dobrianskyj et al. **Filhos em creches no século XXI e os sentimentos das mães**. 2006. Disponível em: <<http://www2.pucpr.br/reol/index.php/PA?dd1=137&dd99=view>>. Acesso em: 06 fev. 2014.

ZORDAN, Eliana Piccoli; FALCKE, Denise; WAGNER, Adriana. **Casar ou não casar? Motivos e expectativas com relação ao casamento**. 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1677-11682009000200005&script=sci_arttext>. Acesso em: 08 jun. 2014.

